



RELIGIÃO E SOCIEDADE:

religiões de matriz africana no Brasil, um caso de polícia

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti*

RESUMO

Após algumas considerações sobre religião e sociedade, destacando a importância da religião e a sua relação com o contexto social em que se insere, cita um caso de agressão a um terreiro de Tambor de Mina de São Luís, chamando a atenção para a dificuldade existente no Brasil de se manter uma convivência respeitosa entre as religiões afro-brasileiras e outras religiões. Aponta-se, entre os fatores responsáveis pelo incidente, a persistência do preconceito contra o negro e contra a cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: Religião e contexto social; Religiões afro-brasileiras; preconceito e intolerância religiosa

ABSTRACT

After some considerations about religion and society, standing out the importance of religion its relation with the social context, where it is inserted, mention a violence case against a cult's house of *Tambor de Mina* (Mina's Drum) in Saint Louis, calling attention to the existence of difficulties in Brazil to keep up a respectful sociability. Among the responsible factors for the incident, the persistence prejudice against negro and Afro Brazilian Culture.

Keywords: Religion and Social Context, Afro-Brazilian Religions, Prejudice and Religion Intolerance.

1 INTRODUÇÃO

A religião é um sistema cultural produzido tanto por sociedades não industriais, ditas tradicionais, quanto em sociedades industriais, ditas modernas. Muitos autores clássicos e modernos como Durkheim, Weber, Bourdieu, Geertz, vários incluídos em coletânea organizada por Oro e Steil (1997) e tantos outros, deram grande atenção em suas obras ao fenômeno religioso.

Mas a importância e as características das religiões variam de sociedade para sociedade. Em algumas sociedades a religião é o sistema cultural dominante e os líderes religiosos são também líderes políticos. Em outras atua com sistemas culturais igualmente

* Dra. em Antropologia. Docente-Departamento de Sociologia e Antropologia-UFMA.

fortes ou até mais fortes do que ela (como é o caso da ciência, em sociedades ocidentais modernas).

As religiões têm um corpo de sacerdotes que zelam pela sua continuidade, oficiam seus rituais e fazem a ligação dos fieis com o sobrenatural. Os sacerdotes, além de detentores de um saber que não é repassado inteiramente aos fieis, possuem autoridade e poder espiritual (via de regra são vistos como detentores de dons ou forças mágicas) e algumas vezes são também investidos de poder político. Mesmo quando ha separação entre Igreja e Estado, como as religiões e seus sacerdotes exercem grande influencia sobre a população, elas estão sempre na mira dos governantes e, de alguma forma, sob o controle de instituições governamentais.

Toda religião fornece uma explicação a respeito das realidades observadas e de realidades não observáveis (em cuja existência o povo crê) e orienta o comportamento de seus membros, definindo o que é certo, o que é errado, a finalidade do homem, etc. Algumas religiões mais universalistas são apresentadas como as únicas verdadeiras, e seus sacerdotes costumam exigir dos fieis o abandono de crenças e práticas de outras religiões (como quase sempre ocorre com as religiões cristãs). Outras são mais voltadas para uma determinada população, menos dadas ao proselitismo e não exigem de seus adeptos o afastamento de outras religiões e/ou o abandono de crenças e práticas religiosas vividas fora delas (como ocorre geralmente com as religiões afro-brasileiras).

Na cultura africana a tradição é muito valorizada e tanto ela como as obrigações para com as entidades espirituais não podem ser abandonadas. Por essa razão, no Brasil, muitos negros (afro-descendentes) que ascenderam socialmente ou que se converteram a outra religião continuam ligados à religião de matriz africana de seus antepassados, ajudando a manter o culto a entidades espirituais afro-brasileiras (às vezes assumindo as despesas de um filho-de-santo que pertence à entidade espiritual a quem foram oferecidos ou por quem foram escolhidos) ou praticando em casa, secretamente, ritos ensinados por seus antepassados...

As religiões, embora exerçam influencia sobre a sociedade, refletem a estrutura social. Algumas características das religiões afro-brasileiras têm origem na traumática experiência da escravidão vivida por seus fundadores ou organizadores, na absorção forçada ou voluntária do catolicismo por eles e na experiência do “povo-de-santo” com outras religiões cristãs ou não cristãs. Assim, a devoção aos santos católicos, as sessões de Mesa Branca ou de Jurema (Catimbó) encontradas em suas casas de culto nasceram do contato de seus fundadores, organizadores, sacerdotes (pais-de-santo ou pais-de-terreiro) e fieis com o catolicismo, o kardecismo, com práticas religiosas ameríndias e com outras religiões. Outras características por elas apresentadas têm a ver com mudanças ocorridas recentemente na sociedade brasileira, com o acesso do “povo-de-santo” aos níveis mais

altos de escolaridade e a recursos modernos de comunicação (produção de livros e de documentários, jogos de búzios por computador, programas interativos na televisão etc.).

As características apresentadas por uma religião podem se apoiar em vários fatores. Quando se indaga, por exemplo, sobre o "por que" do segredo nas religiões afro-brasileiras, as respostas obtidas apontam para: a "mitologia" e para diversos aspectos da cultura africana; para as estratégias de sobrevivência adotadas pelo "povo-de-santo" durante a escravidão e nos períodos de maior repressão às religiões afro-brasileiras; para a centralização do poder e do saber nos pais-de-santo etc. Do mesmo modo, quando se procura compreender o matriarcado dos terreiros de Mina mais antigos do Maranhão, geralmente se recebe a explicação de que essa prática tem a ver com o poder das mulheres no antigo reino do Dahomé (Benin), berço da tradição religiosa continuada pela Casa das Minas-Jeje (conhecida como o terreiro de Mina mais antigo), mas que tem também a ver com a situação do negro no Brasil durante a escravidão, daí porque também ocorreu em outros Estados em terreiros nagô e de outras "nações" (advoga-se que antes da abolição era mais difícil para os homens do que para as mulheres assumir o comando da religião etc.).

A religião, de alguma forma, reflete a sociedade, reproduz a sua estrutura, se modifica quando ela sofre grandes alterações, mas exerce também grande influência sobre a sociedade. Quando um território é habitado por populações de origens diversas ou quando uma população entra em contato com outra de cultura diferente, as mudanças culturais são previsíveis e atingem também a esfera religiosa. Nessas situações costuma ocorrer "sincretismos" entre religiões e surgimento de novas religiões. E, se as relações entre os povos em contato são desiguais, como as ocorridas no sistema colonial e nas sociedades escravocratas, a religião do grupo dominante tende a ser imposta aos demais ou a se tornar hegemônica. Isso poderia explicar porque os negros brasileiros tornaram-se católicos sem deixar de cultuar seus orixás, voduns, inquices e encantados. Embora a religião costume valorizar a tradição, como as populações humanas nunca são completamente isoladas e suas sociedades nunca são estáticas, ela apresenta alterações ao longo do tempo, incorporando elementos de outros sistemas culturais ou ajustando-se a mudanças sociais.

A religião reproduz e reforça a estrutura social, mas pode ser um fator de conscientização, de resistência e de mobilização social. Ela pode reforçar o sentimento e a dignidade, reabastecer a esperança, estimular a luta e a resistência de populações dominadas, mostrando-lhes o seu valor e garantindo-lhes a ajuda de seres espirituais. Como tem sido bastante apregoado, a religião de origem africana tem se apresentado como poderoso fator de resistência à dominação cultural e de afirmação de identidades étnicas. Os terreiros de Mina, Candomblé, Batuque e Xangô não apenas professam uma religião

trazida para o Brasil por africanos escravizados, como também reafirmam identidades africanas - uns são jeje, outros são nagô, angola, congo etc.

A religião é um fator de organização e de integração social, embora possa também separar as pessoas, gerar incompatibilidades entre grupos e servir de motivo para guerras e dominações. No passado, no Brasil e em vários países americanos, africanos de diversas “nações” (jeje, nagô, angola e outras) e crioulos se organizaram em torno dela e fundaram terreiros, irmandades e associações diversas (algumas vezes secretas ou fechadas, como as dos Egunguns da Bahia). Algumas dessas organizações (como as casas de culto “de nação” – terreiros de Mina, de Candomblé e de outras denominações) se voltaram mais para as religiões trazidas da África, enquanto outras, como as irmandades católicas de homens negros, se voltaram mais para a religião do colonizador.

Nesse trabalho, após algumas considerações sobre religião e sociedade, e sobre as religiões de matriz africana no Brasil, destacando a importância da religião e a sua relação com o contexto social em que se insere, relata-se um caso de “invasão” de um terreiro de Mina, por policiais e evangélico, ocorrido na capital maranhense no ano de 2001, chamando atenção para a dificuldade de se manter uma convivência respeitosa entre comunidades de religiões diferentes num país que não resolveu o problema do preconceito contra o negro e a cultura afro-brasileira.

2 RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Embora religiões diferentes possam coexistir sem grandes conflitos, quando as desigualdades sociais são expressivas e as relações entre as populações envolvidas são marcadas pela dominação, costuma haver discriminações e, não raramente, perseguições religiosas. No caso brasileiro, como é bastante conhecido, as religiões de matrizes africanas e ameríndias não foram encaradas pelas camadas dominantes apenas como diferentes do catolicismo professado pelo colonizador português. Foram consideradas primitivas, inferiores, falsas e ameaçadoras - daí porque já foram tão reprimidas e perseguidas.

Atualmente no Brasil, embora as relações entre as religiões afro-brasileiras e o Estado sejam consideradas boas, as religiões de matriz africana continuam a ser vistas com desconfiança por grande parte da população e consideradas inferiores ao catolicismo, ao protestantismo, ao judaísmo, ao budismo e outras. Apesar da apregoada liberdade de expressão religiosa, no Brasil, as religiões de matriz africana estão longe de serem valorizadas e respeitadas como o catolicismo, que já foi a religião oficial, e o protestantismo que foi implantado aqui há muito tempo. Um atestado dessa realidade é a ausência de pais e mãe-de-santo como sacerdotes em eventos e cultos ecumênicos promovidos pela Igreja

Católica ou por ela orientados. E alguns programas veiculados por emissoras evangélicas de TV são exemplos de preconceito e de agressão às religiões afro-brasileiras, daí os freqüentes processos movidos na justiça contra eles em vários Estados, principalmente em São Paulo.

Entre os fatores apontados para esse problema enfrentado pelas religiões de matriz africana estão: a sua introdução ou organização por ex-escravos, e o preconceito em relação ao negro e à cultura africana. Além delas serem classificadas por alguns como “bárbaras”, “primitivas” ou “atrasadas”, seus sacerdotes têm sido freqüentemente apontados como atores ou insufladores de práticas criminosas, ilegais ou repudiadas socialmente (assassinatos, praticas ilegais de medicina etc.). Diante dessas agressões, algumas comunidades religiosas afro-brasileiras têm assumido um comportamento resignado enquanto outras têm reivindicado o respeito pelas diferenças e tratamento igual ao recebido por outras religiões, e têm procurado assegurar na justiça seus direitos constitucionais (CEERT, s/d).

3 A “INVASÃO” DO TERREIRO DO JUSTINO, UM CASO DE POLÍCIA

Em dezembro de 2001, São Luís foi palco de um conflito envolvendo um terreiro de Mina da Vila Embratel, fundado no final do século XIX, a policia e um grupo de fieis de uma igreja evangélica residentes próximo ao terreiro. Na noite do dia 8, enquanto o terreiro se preparava para o toque de Nossa Senhora da Conceição (ritual com tambor), um casal evangélico foi para a igreja e deixou o filho, de menos de 2 anos, dormindo em casa com uma babá de uns 12 anos. A menina estava estudando na cozinha, quando uma pessoa entrou na casa e levou a criança, sem que esta fizesse barulho e sem ser vista pela babá que, ao perceber a presença de estranhos, se escondeu atrás da geladeira.

Avisados da ocorrência, os pais voltaram para casa, em companhia de outras pessoas que participavam do culto, e o grupo passou a orar e a tomar algumas providencias: avisar a policia, chamar os bombeiros, sair pelas ruas procurando a criança levando uma foto dela etc. Como o terreiro fica em um sítio e tem uma mata escura, o grupo realizou também, com o consentimento do marido da mãe-de-santo, uma busca na área.

Naquela noite encontravam-se no terreiro um padre Camboniano, algumas pessoas de seu grupo pastoral e dois antropólogos da UFMA. Como todos estavam preocupados com a criança, sempre que chegava mais uma pessoa no terreiro era abordada por alguém, procurando saber se ela já havia aparecido. Uma das que haviam passado na frente da casa dos pais da criança informou que “uns crentes” estavam solicitando aos bombeiros que invadissem o terreiro, alegando que, nas religiões afro-

brasileiras, quando havia toque, eram realizados “sacrifícios” e que a criança poderia ter sido raptada por pessoa ligada a ele, mas que os bombeiros haviam se negado a atender ao pedido sem receber “uma ordem” (judicial?).

No terreiro, apesar da constatação do preconceito contra as religiões afro-brasileiras, o relato não foi levado a sério, e ninguém observou que policiais já estavam anotando as placas dos carros que entravam e saíam do sítio e nem imaginou que mais tarde a polícia e “os crentes” iriam entrar no terreiro de forma ilegal e irreverente. Conversas ouvidas de mulheres que estavam aguardando por um dos antropólogos indicavam que pelo menos algumas delas suspeitavam que a criança tivesse sido levada por seres espirituais e temiam que nunca mais fosse encontrada.

Segundo testemunhas, de madrugada, logo depois que os antropólogos saíram, um grupo de umas 50 pessoas se aproximou do terreiro e um policial da Vila Embratel acompanhado de um homem não uniformizado, que se apresentou como o Delegado, mas que era o pai da criança, chegaram ao terreiro em duas viaturas, entraram na casa e revistaram tudo: abriram o freezer, olharam em baixo da cama da mãe-de-santo e entraram, inclusive no peji (quarto de santo) etc. Saindo da casa, registraram os números das placas dos carros estacionados na área do terreiro e, como já haviam anotado o da placa do carro dos antropólogos, passaram aquele número, por rádio, aos policiais que faziam a ronda noturna, para que verificassem se não haviam saído do terreiro levado a criança desaparecida.

Depois do toque, quando a mãe-de-santo, que é cardíaca e já tinha 74 anos, saiu do transe, ficou muito chocada e indignada ao ser informada de que um jornal da cidade havia noticiado a invasão policial e que os “crentes” estavam querendo expulsar o terreiro do bairro, o que a deixou bastante abalada, temendo que eles fizessem um abaixo assinado e conseguissem realizar o seu intento. Mas talvez porque, antes do amanhecer, a criança foi localizada e a raptora presa em flagrante, ao desembarcar com ela no porto de Cajupe (Pinheiro), nada aconteceu ao terreiro.

No dia seguinte e nos quatro que sucederam ao incidente, o caso foi bastante discutido no terreiro, na comunidade católica e entre os antropólogos, que ouviram uma advogada que é mãe-de-santo e, por sugestão dela, consultaram a assessora jurídica da Federação de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros. No dia 12, a advogada da Federação esteve no terreiro em companhia de membro daquela instituição, encontrando lá uma advogada amiga da casa, o padre Camboniano e outras pessoas da comunidade e, após discussão, o esposo da mãe-de-santo foi até a delegacia do bairro e registrou a queixa, assinando como testemunhas o padre e outras pessoas da comunidade. Segundo um dos envolvidos, a queixa visava não apenas expressar o repúdio à ação dos policiais e dos “crentes”, como também gerar um documento para instruir um processo contra eles, caso o

terreiro voltasse a ser importunado ou ameaçado. Dois anos depois, os pesquisadores voltaram ao terreiro na mesma data e encontraram na área do terreiro uma viatura da Polícia, que parecia estar ali “montando guarda”.

Como, há muito, as religiões afro-brasileiras podem ser exercidas livremente e o terreiro do Justino não responde a nenhum processo judicial, sua invasão ou vistoria na madrugada do dia 9 de dezembro de 2001 foi inteiramente abusiva e os agressores poderiam ter que responder por ela na justiça. O caso não foi adiante porque, além do terreiro não ser muito politizado ou articulado ao movimento negro, a mãe-de-santo preferia “viver em paz” a “fazer guerra” aos opositores de sua religião. No entanto todos concordaram que o preconceito religioso precisa ser controlado e não pode levar a agressões como as sofridas pelo terreiro e que o poder público necessita desenvolver uma política efetiva contra ele.

Em 2001 a polícia, que deveria ter defendido o terreiro do Justino da agressão de um grupo de evangélicos mal informados a respeito das religiões afro-brasileiras, terminou fazendo o jogo dos agressores, o que mostra que os policiais que atuaram no caso estavam também desinformados em relação à religião ali praticada, em relação aos direitos da comunidade religiosa, e às suas obrigações como defensores da ordem pública.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO

O preconceito e a discriminação contra as religiões de matriz africana encontrados ainda hoje no Brasil, embora possam ter uma explicação histórica e social, não podem mais ser aceitos. O problema não está só na legislação. Quando se comparam os Códigos de Posturas municipais do século XIX com as Constituições, Códigos Penais e Portarias da Polícia é difícil não perceber que muita coisa mudou, que os terreiros hoje não precisam mais ficar escondidos e nem obter licença da Polícia várias vezes por ano ou antes da realização de cada festa de santo e que hoje são muito mais respeitados pelos adeptos de outras religiões (MAGGIE, 1992; FERRETTI, M. 2002; 2004). Mas agressões às religiões afro-brasileiras sofridas diariamente mostram também que a luta dos terreiros está longe de chegar ao fim e que aquele preconceito e discriminação religiosa estão atrelados ao preconceito contra o negro e a cultura africana (CEERT, s/d).

Entre as estratégias adotadas pelas de casas de culto para eliminar o preconceito contra as religiões afro-brasileiras podem ser citadas: a filiação a Federações legalmente constituídas, com assessores jurídicos; a vinculação a entidades do movimento negro; a organização de seminários e congressos com a participação de pesquisadores, artistas e de sacerdotes de outras religiões; a realização de programas de rádio, de

televisão, e a publicação de livros e artigos informando sobre as religiões afro-brasileiras e denunciando o preconceito e a discriminação contra elas etc.

Com essas medidas e a denuncia de atitudes e ações preconceituosas espera-se conseguir uma redução significativa do problema nos próximos anos.

REFERENCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CEERT. **Campanha em defesa da liberdade de crença e conta a intolerância religiosa**. VIDEO. São Paulo: CEERT/INTECAB, s/d., 33 min. SP (Editado pelo Centro de Estudo das Relações de Trabalho e Desigualdades e pelo Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira de São Paulo).

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Edições Paulinas, 1989. (Ed. original de 1912).

FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria de “Barba Soeira”**: Codó, capital da magia negra?. São Paulo: Siciliano, 2001.

----- . **Pajelança do Maranhão no século XIX**: o processo de Amélia Rosa. São Luís: CMF/FAPEMA, 2004, p.19-29.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MAGGIE, Yvonne. **Medo de feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Lançado em 1904-5 e ampliado em 1920).